

22 Abr 1992, Capital (A), Lisboa

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação A Capital
Local Lisboa Data 22/04/92 Série --- N.º ---

Patrões salva-vidas recordam feitos

«ISTO não é para todos. É preciso muita coragem, determinação e, sobretudo, rapidez.» Moisés Ribeiro Macatrão tem 63 anos, 33 deles passados no mar da Figueira da Foz. Já salvou milhares de vidas, tantas que a memória não consegue enumerar. Sustos, também teve uns quantos, mas a morte, essa, nunca esteve por perto. «Ela bem queria ver se me leva...», diz, divertido. Artur Rei Miquelino, patrão do salva-vidas de Esposende, não teve igual sorte. Dos anos de trabalho, guarda muitas alegrias, mas também alguns dissabores, que a morte de alguém é sempre motivo de tristeza. «Quando salvamos alguém é uma grande alegria, mas quando não conseguimos, sentimos uma grande amargura. São dias e dias a pensar no mesmo...»

**«QUANDO MORRE
ALGUÉM
É UMA AMARGURA
MUITO GRANDE»**

Moisés Ribeiro Macatrão, patrão-mor do salva-vidas da Figueira da Foz, e Artur Rei Miquelino, patrão do salva-vidas de Esposende, foram, ontem, condecorados com a Medalha de Ouro de Coragem, Abnegação e Humanidade do Instituto de Socorros a Náufragos (ISN), a mais alta distinção daquele Instituto.

O primeiro, pelo salvamento de dois arrastões e respectivas tripulações, depois de quatro horas debaixo da rebentação, o segundo pelo socorro de duas pessoas com o bote virado e as esperanças de vida quase perdidas.

Condecorações que, naturalmente, os enchem de satisfação e orgulho, reconhecimento de uma tarefa árdua e delicada, mas que ambos abraçam com enorme dedicação, senão mesmo paixão. «É preciso gostar disto», reconhece, sério, Artur Miquelino. A seu lado, Moisés Macatrão, arrisca uma explicação: «É como que uma missão...»

«A gente esquece tudo»

Moisés Macatrão tem o rosto «calejado», linhas enrugadas pelos anos, tez morena das horas passadas ao sol. O contacto com o mar começou muito cedo, quando, ainda jovem, decidiu seguir as pisadas do pai numa traineira em Peniche, terra onde nasceu. De pescador, passou a contra-mestre e, já na Figueira da Foz, iniciou a actividade de patrão salva-vidas.

Ao fim de anos de luta com o mar, guarda sobretudo na recordação os bons momentos, altura em que, esquecido de tudo e todos, conseguiu salvar das águas revoltas ho-



«Quando vamos salvar alguém até nos esquecemos que temos família», diz Moisés Macatrão, patrão do salva-vidas da Figueira da Foz

mens e barcos. «Nunca deixei morrer ninguém», diz, com natural vaidade. Sustos, já teve uns três ou quatro, mas a morte garante nunca a ter visto de perto. Até porque, justifica, «naquele altura, a gente esquece tudo». Pára, medita e remata: «Até nos esquecemos que temos família!»

Vidas salvas foram tantas que já não as consegue contar. A farda azul reluzente de medalhas é prova disso. A primeira Medalha de Ouro de Coragem, Abnegação, e Hu-

manidade do ISN ganhou-a pelo salvamento de 36 tripulações e a assistência a quatro mil pessoas durante dois anos, as restantes (entre as quais três de prata e uma de cobre do ISN) por outros feitos passados que não consegue enumerar ou precisar.

Aparentemente fáceis, mas, segundo as suas próprias palavras, «só para alguns». E explica: «É preciso muita coragem, saber o que fazer para resguardar a tripulação e muita rapidez. Por minutos ou

segundos, pode morrer alguém.»

«Ficamos com remorsos...»

A seu lado, Artur Miquelino acena a cabeça. Com 40 anos, 17 dos quais nestas lides de salva-vidas, também ele conhece bem as amarguras de enfrentar bem de perto a morte. «Quando morre alguém é uma amargura muito grande. São dias e dias a pensar no mesmo... Ficamos sempre com remorsos», diz, cabisbaixo.

Mais animado, recorda o «difícil salvado» do dia 20 de Janeiro de 1991 na praia de Esposende, acto que lhe valeu a almejada Medalha de Ouro de Coragem, Abnegação e Humanidade do ISN. «Fomos salvar duas pessoas, o bote virou-se e fomos lá ficando todos. Estavam milhares de pessoas a ver e todos pensavam que estávamos mortos», contou.

Apesar dos contratemplos, os dois heróicos «lobos» do mar não desistem. Ambos garantem não estar arrependidos de uma profissão tão arriscada e, mais do que isso, prometem levá-la até ao fim. Moisés Macatrão espera cumprir a sua missão durante mais três anos, altura em que atingirá a reforma e em que poderá dar o lugar a um jovem. Também Artur Miquelino quer continuar a salvar vidas no mar até ao limite de idade, «se nada me acontecer», salienta.

Para lá das medalhas de Ouro de Coragem, Abnegação e Humanidade, o ISN atribuiu também a Medalha de Ouro de Filantropia e Caridade ao Instituto Nacional de Pilotagem de Portos, na pessoa do presidente do seu conselho de gestão, João Maria dos Santos Galvão, à Caixa Geral de Depósitos, na pessoa do presidente do conselho de administração, Rui Vilar, e à consulesa da Alemanha no Funchal, Elizabeth Gesche. Integrado nas comemorações do centenário do ISN, foi inaugurado, na sede, um busto da rainha D. Amélia, fundadora do Instituto, cerimónia que simboliza a reintegração póstuma da monarca como protectora número um daquela Instituição.



Moisés Macatrão e Artur Miquelino encontraram-se, ontem, pela primeira vez, para receber a Medalha de Ouro de Coragem, Abnegação e Humanidade